

Universidade

Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. HUGO

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até à morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

CONFERENCIAS E LIÇÕES NA UNIVERSIDADE

EXCERPTOS DAS CONFERENCIAS REALISADAS PELO SNR. JOSÉ SIMÕES COELHO, AGENTE COMMERCIAL DO GOVERNO PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL.

O Brasil sob o ponto de vista sociologico Pag. 187

VIDA ASSOCIATIVA DA UNIVERSIDADE LIVRE " 198

Balancete do mês de Outubro de 1915 " 200

ANO II

N.º 22

OUTUBRO DE 1915

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —

— Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

Lições de Francês

por ALFREDO APELL




Editadas pela Universidade Livre e adotadas na sua classe de francês.

Este metodo impõe-se pelo nome do seu autor que é a melhor garantia do cuidado e orientação pedagogica que presidiu á sua elaboração.

Preço, 1 Escudo

Desconto aos socios



Universidade Livre

Cursos nocturnos e permanentes de

Português

Francês

Inglês

Contabilidade

Arithmetica

Calculo comercial

Geografia

Caligrafia

Taquigrafia

Dactilografia

Modelação

Desenho

. Esperanto.

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

O Brasil Contemporaneo

Excerptos das conferencias realizadas na Universidade Livre de Lisboa
em 11, 18 e 25 de Abril de 1915 pelo Snr. José Simões Coelho
Agente Commercial do Governo Portuguez na America do Sul

O BRASIL SOB O PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO

I

Reunio o conselho de capitães. Pedro Alvares Cabral «perguntou assim a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento d'esta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para melhor a mandar descobrir, e saber déla mais do que agora nós podiamos saber por irmos de nossa viagem, e entre muitas falas que no caso se fizeram, foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bom, e nisto concordaram. E tanto que o acordo foi tomado perguntou mais se seria bom tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, e deixar aqui por eles outros dois d'estes degredados. A isto concordaram que não era necessario tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força para alguma parte dizerem que ha ali tudo o que lhe perguntam, e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens d'estes degredados que aqui deixassem, do que eles dariam se os levassem por ser gente que ninguem entende, nem eles tão cedo aprenderiam a falar para o saberem tambem dizer, que muito melhor estes o não digam quando cá Vossa

Alteza mandar, e que portanto não tratassem aqui de por força tomar ninguém nem fazer escandalo, para os de todo mais amansar e pacificar, senão sómente deixar aqui os dois degredados quando d'aqui partissemos. E assim, por melhor parecer a todos, ficou determinado.

«Mandou o capitão áquele degredado Afonso Ribeiro que se fosse outra vez com eles, o qual se foi e andou por lá um bom pedaço e á tarde tornou-se, que o fizeram eles voltar e não o quizeram lá consentir, e deram-lhe arcos e setas e não lhe tomaram nenhuma cousa de seu; antes disse ele que lhe tomára um deles umas continhas amarelas que levava e fugia com elas, e queixou-se, e os outros foram logo apoz ele e lh'as tomaram, e tornaram-lh'as a dar, e então mandaram-o vir. Disse ele que não vira lá entre eles senão umas choupainhas de rama verde e de fetos, muito grandes como de Entre Douro e Minho, e assim nos tornámos ás naus já quasi noite a dormir.

«A' terça-feira depois de comer fomos a terra dar guarda lenha e lavar roupa, estavam na praia quando chegamos obra de 60 ou 70 sem arcos e sem nada. Tanto que chegámos vieram logo para nós sem se esquivarem, depois acudiram muitos que seriam bem 200, todos sem arcos; e misturaram-se todos tanto connosco que uns ajudavam d'elles a acarretar lenha, e meter nos bateis, e lutavam com os nossos e tomavam muito prazer.

«E emquanto nós faziamos a lenha, faziam dois carpinteiros uma grande cruz, d'um pau que hontem para isso se cortou. Muitos deles vinham ali estar com os carpinteiros, e creio que o faziam mais por verem á ferramenta de ferro com que a faziam, que por verem a cruz porque eles não teem cousa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau entre duas talas mui bem atadas, e por tal maneira que andavam fortes, segundo os homens que hontem as suas casas diziam porque lh'as viram lá. Era já a conversação deles connosco tanta, que quasi nos estorvavam ao que havíamos de fazer.

«Quando saímos do batel disse o capitão que seria bom irmos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore, junto com o rio, para se pôr ámanhã, que é sexta-feira, e que nos puzessemos todos de joelhos. e a beijassemos, para eles verem o acatamento que lhe tínhamos, e assim o fizemos. E a estes dez ou doze, que ali es-

tavam, acenaram-lhes que fizessem assim, e foram logo todos beija-la.

Parece-me gente de tal inocencia que, se nos entendessemos, e eles a nós, que seriam logo cristãos, porque eles não teem nem entendem nenhuma crença, segundo parece. E portanto, se os degredados que hão de aqui ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se cristãos e crêrem a nossa santa fé, á qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque decerto esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-ha ligeiramente neles qualquer cunho que lhes quizerem dar, e lhes Nosso Senhor deu bons corpos e bons rostos como a bons homens, e ele que nos por aqui trouxe creio que não foi sem causa, e portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fé catolica, deve entender na sua salvação, prazera a Deus que com pouco trabalho será assim.

«E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos a terra com nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu melhor plantar a cruz, para ser melhor vista, e ahi assinou o capitão onde fizessem a cova para a plantar. E enquanto a ficaram fazendo, ele, como todos nós outros, fomos pela cruz abaixo do rio onde éla estava. Trouxe-mo-la d'ahi com esses religiosos e sacerdotes adiante, cantando á maneira de procissão. Estavam já ali alguns deles, obra de 70 eu 80, e quando assim nos viram vir, alguns deles se foram meter debaixo déla a ajudar-nos.

«Firmada a cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe pregaram, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiverem connosco a ela, obra de 50 ou 60 deles, assentados todos nos joelhos assim como nós, e quando chegou ao evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram connosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabado, e então tornaram-se a assentar como nós. E quando levantaram a Deus, que nos puzemos de joelhos, eles se puzeram todos, assim como nós estávamos, com as mãos levantadas, em tal maneira socegados, que certifico a Vossa Alteza, que nos fez muita devoção. Estiveram assim connosco até acabada a comu-

nhão e, depois da comunhão comungaram esses religiosos e sacerdotes, e o capitão, com alguns de nós outros.

«Creio, Senhor, que com estes dois degredados que aqui ficam, ficam mais dois grumetes que esta noite saíram d'esta nau no esquife em terra, fugidos, os quais não vieram mais e crêmos que ficarão aqui, porque de manhã prazendo a Deus, fazemos d'aqui nossa partida».

Falando da gente que habitava aqueles sertões infindos, assim se expressou Pero Vaz Caminha, o primeiro portuguez que subsidiou a historia do Brasil. Não vindo fóra de proposito é licito recordar o que ele pensou d'aquellas terras desconhecidas: — «Esta terra, Senhor, me parece que, da ponta que mais contra o Sul vimos, até á outra ponta que contra o norte vem, de que nós d'este porto havemos vista, será tamanha que haverá nela bem 20 ou 25 leguas por costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas e outras brancas, e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda a praia parma, muito cheia e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podíamos vêr senão terra e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. Nela até agora não podemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assim os achavamos como os de lá. Aguas são muito infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-ha nela tudo, por bem das aguas que tem.

«Porém o melhor fruto que nela se póde fazer, me parece que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que aí não houvesse mais que ter pois esta poisada, para esta navegação de Calecut, abastará; quanto mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: acrescentamento da nossa santa fé».

Um trecho da carta do piloto denuncia o que os portuguezes fizeram quando voltaram á patria distante, explicando melhor o que D. Manuel mandara dizer aos reis de Espanha: «— Saindo a dita armada deste lugar, o capitão deixou ali dois cristãos á mercê de Deus...» — dizendo: — «... deixando dois degredados n'este lugar, os

quais começaram a chorar e foram animados pelos natu-
raes do paiz, que mostraram ter piedade deles»...

Minhas senhoras e meus senhores :

Os dois cristãos que Cabral deixou entregues á vigi-
lancia dos indios, em testemunho da sua feliz estadia,
choraram ao ver desferidas velas a trazerem a boa nova
ao rei. Os pobres indios encheram-os de mimos. Foram
elas, abençoadas lagrimas as suas que orvalhando um
solo riquissimo, crearam a solidariedade entre dois povos.
Foram elas e só elas, a semente bemfazeja que deu o sen-
timento lusitano ao povo brasileiro.

II

Passaram-se anos. Os estadistas, embriagados ainda
pela exploração da India, não mais se lembraram dos
dois cristãos perdidos. D. João III recordou-os mandando
a Cristovão Jaques ocupar as terras ambicionadas. As-
sim se fez em 1525. Chegado á Bahia fundou a primeira
feitoria. Levantou padrões e regressou ao reino. Princi-
piou a colonisação com degredados e judeus.

A logica fatal dos acontecimentos que lançou ferrea
mão aos governantes portuguezes, embevecidos com o
alargamento dos dominios na Africa e na Asia abria gran-
des clareiras no desejo enorme de se saber o que eram
essas terras de «muitos bons ares». Nem se calculava, então,
a importancia da descoberta. Deixava-se *isso* para um dia.

Felizmente, os factos precipitaram-se, e quando se viu
a pressa do governo espanhol estender os seus domi-
nios no Rio da Prata e a presença de alguns navios fran-
cezes na costa do Brasil, que se entretinham a aprisionar
numa ancia de corsarios alguns navios nacionais, D.
João III ordenou a «conveniencia de se promover sem
mais com empenho e sem mais delongas a povoação do
Brasil».

Iniciou-se a vida activa para aqueles lados do mundo
mal antevistos ainda. Deu-se dinheiro á França para afas-
tar os navios corsarios. Ordenou-se a Martim Afonso de
Sousa comandasse uma esquadra composta de duas
naus, um galeão, e duas caravelas e fosse policiar os ma-
res infestados, saindo do Tejo a 3 de Dezembro de 1530.

Assim se fez. Parece ter sido Martim quem levou da ilha da Madeira para o Brasil a cana de açúcar. Em 1532, havia o esforçado capitão lançado os fundamentos da povoação de S. André da Borda do Campo (hoje S. Paulo), quando lhe chegou ás mãos uma carta do rei expondo-lhe um plano de colonisação para povoar os seus vastos dominios na America, em que lhe dizia: — «mandei demarcar de Pernambuco até ao Rio da Prata, cincoenta leguas, de costa a cada capitania; e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pedro Lopes, vosso irmão, cincoenta nos melhores limites d'essa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem se o conde (o conde de Castanheira), por meu mandado, informou; como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará, e depois de recolhidas estas cento e cincoenta leguas de costa para vós e vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam capitánias de cincoenta leguas cada uma; e, segundo se requerem parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, etc».

Veu o Brasil a ser dividido em doze capitánias. Para que em maior escala acudissem os colonos a estes novos estabelecimentos, mandou-se isentar de penalidade a certos delinquentes, que quizessem transportar-se para aquellas terras. O documento reza assim:

«Atendendo El-rei a que muitos vassallos, por delitos que cometem andam foragidos, e se ausentam para reinos estrangeiros, sende aliás de grande conveniencia que fiquem antes no reino e senhorios, e sobretudo que passem para as capitánias do Brasil, que se vão de novo povoar, ha por bem declarar-as couito e homisio para todos os criminosos que nelas quizerem ir morar, ainda que já condenádos por sentença até em pena de morte, exceptuados sómente os crimes de heresia, traição, sodomia e moeda falsa. Por outros quaesquer crimes não serão de modo algum inquietados».

Nunca é demais acentuar este ponto precioso para a historia: mandaram degredados, é certo, mas não aquellos que estivessem cominados dos delitos considerados infamissimos em todos os tempos; *heresia, traição, sodomia e moeda falsa*. Gloria aos mandões do tempo!

E' um argumento velho e rélho, esse, de pretender fe-

rir portuguezes e brasileiros com a fatalidade historica dos degredados como os primeiros colonisadores, chamando aos dois povos de «inferiores» por esse facto. Podia neste momento refutar com o que muitos escritores e historiadores teem dito a este respeito. Mas... não merece a pena. No entanto, para que o meu auditorio não julgue o contrario, dir-lhe-ei o que pensava em meados do seculo XIX o grande escritor maranhense Odorico Mendes deste facto importante da historia dos dois paizes. E' que tem custado a muito estrangeiro illustre que Portugal houvesse descoberto as terras de Santa Cruz. Paciencia, *amigos!*...

«Uma nação da qual nasceu a brasileira, hoje de quasi nove milhões de homens, terceira em população na America, segunda em importancia politica, tem a sua gloria indelevelmente escrita nos annais do mundo; e ninguém abrirá um mappa do novo globo, sem nele encontrar muitos nomes de paizes de Africa e Asia, atestando a parte que o reinosinho do ocidente da Europa tem tido no movimento geral da civilisação... Tenho ouvido já, quasi sempre a descendentes de outros europeus, que *nós* seríamos felicissimos, se tivessemos sido colonos de outra nação. Antes de tudo este *nós* é um disparate: se o Brasil fosse diversamente colonizado, não seríamos nós os seus habitantes; e devemos aos compatriotas sobejo amor para querermos que eles sejam outros, e não eles mesmos. Portugal produziu um imperio de nove milhões de habitantes: digam-me qual é o que proporcionalmente fez tanto? Apesar das injustiças que dos maus governos sofríamos, apesar dos mesquinhos ciumes da metropole, nossos pais nos transmitiram: 1.º a religião mais civilisadora; 2.º franqueza e hospitalidade *á nossa custa*, não de palavras e cortezias; 3.º uma legislação civil melhor que a de nações muito mais presunçosas; 4.º uma lingua sonora, a mais opulenta, senão para as coisas da industria modernissima, para a historia, para a navegação, para a poesia, com todos os matizes, variedade e graça. Qual é a colonia franceza emancipada? Qual é a holandeza? Tiradas as de Hespanha, mais as de Inglaterra, que produziu a soberba e livre republica norte-americana, as restantes estão ainda debaixo da tutela. Nós já vamos forçando o orgulho a nos ter em consideração, e mais seremos se desprezarmos os medos de conquistas no

nosso territorio, e opuzermos energias a vãs ameaças».

Os resultados de tal sistema de colonisação não foram os previstos por D. João III. Os donatarios nem todos chegavam a pisar a terra dos seus dominios. Os naufragios sucediam-se. Os que escapavam ou morriam ás mãos dos indigenas desconfiados ou vitimas das febres tropicias. Apenas alguns padrões se erguiam em varios sitios isolados a atestarem a posse da terra.

As despesas não compensavam os sacrificios. Foi quando o governo da metropole empreendeu a colonisação por conta propria, nomeando com o titulo de primeiro Governador Geral do Brasil, a Tomé de Sousa, o fundador da cidade da Bahia. E' curioso citar algumas das disposições do decreto régio para identificação nossa com a moral que presidiu aos primeiros tentames colonisadores.

«Querendo el-rei conservar e conhecer as terras do Brasil, e dar ordem á sua povoação, tanto para exaltação da fé, como para proveito do reino, resolve mandar uma armada com gente, artilharia, munições, e todo o mais necessario para se fundar uma fortaleza e povoação grande na Bahia de todos os Santos, d'onde se possa dar favor e ajuda ás mais povoações e prover nas cousas da justiça, direitos das partes e negocios da real fazenda, e ha por bem nomear a Tomé de Sousa, pela muita confiança que faz da sua pessoa, para Governador Geral do Brasil, e capitão da fortaleza, em cujos corpos observará as disposições seguintes:-- Irá directamente á Bahia, e logo que chegue deve apossar-se da cêrca ou fortificação que havia feito o donatario Francisco Pereira Coutinho, e onde conta que ainda ha povoadores cristãos, empregando para isso a força, se fôr mistér, e o mais a seu salvo que lhe fôr possivel. Todavia, como consta que este local é dos mais apropriados, o estabelecimento que fizer nele será de natureza provisoria e deve escolher outro mais pela bahia dentro, tendo atenção á capacidade do ancoradouro, á bondade dos ares e aguas, e abundancia dos provimentos, com que pelo tempo adiante venha aprovação a ser cabeça de todas as mais capitánias. Para isso leva o governador pedreiros, carpinteiros e varias *acheguas*.

«O principal fim com que se manda povoar o Brasil é redução do gentio á fé catolica. Este assunto deve o go-

vernador pratical-o muito com o demais capitães. Cumpre que os gentios sejam bem tratados, e que no caso de se lhes fazer dano e molestia, se lhes dê toda a reparação, castigando-se os delinquentes.

«Aos indios amigos que as quizerem, concederá terras; mas os convertidos por nenhum caso fiquem nas aldeias com os gentios; devem estabelecer-se junto ás povoações, porque com o tracto dos cristãos mais facilmente se hão de policiar. As meninos sobretudo convem ter apartados dos mais, porque neles a doutrina fará mais fructo.

«Consta que algumas pessoas que teem navios e caravelões no Brasil, e navegam de umas para outras capitánias costumavam saltar e roubar os gentios de paz por diversos modos, atraindo-os enganosamente a bordo, e indo depois vendel-os a outras partes, e até a seus proprios inimigos, donde resultava levantarem-se os mesmos gentios e fazerem guerra aos cristãos, sendo esta a principal causa das desordens que tinham havido».

Entrementes dava-se na Europa uma convulsão tremenda. Derruíra e teocracia. A Reforma avassalára os melhores espiritos, balsaminando-lhes o coração. O despotismo sacerdotal queimára João Huss e Jeronimo de Parga. Vitimando ambos assinára a sua sentença de morte.

A Companhia de Jesus, sacudida na Europa, começou de olhar para a America, antevendo-a largo campo aonde podia refazer-se das enormes perdas que sofrera. Assim o fizeram. Lançaram aos pobres colonos o arpão suggestionador da sua eloquencia, ao passo que, subrepticamente, provocaram entre eles conflitos, nos quais apreciavam como mediadores felizes. Rebelo da Silva diz a pag. 172 do 5.º volume da *Historia de Portugal* que: «— Nobrega e Anchieta entendiam que só por meio da guerra os colonos poderiam alcançar do gentio o respeito, o socego e a segurança das suas propriedades, não havendo outro caminho para levar ao seio das matas a luz do evangelho, senão o que as armas e a força conseguissem romper. Nobrega notava que a gente bruta, entregue a seu alvedrio, resistiria á palavra e ao exemplo, e lembrava que não se colheram mais fructos dos trabalhos anteriores, de que o batismo de algumas creanças inocentes. Os indios, dizia Anchieta, mais por medo do que por amor se hão reunir».

Escuzado será dizer-vos, minhas senhoras e meus senhores: os conselhos jesuiticos foram ampliados pela imaginação autoritaria de quantos aventureiros alcançavam a costa brasileira. Pois, cono não fazê-lo, se encontravam na alma da Companhia de Jesus o beneplacito justo para os seus crimes de lesa-humanidade!

Os desgraçados indigenas retrocavam aos desmandos dos seus exploradores com as armas de sua defeza. Aparecia, então, a préce amiga dos traficantes da consciencia a aconselhar moderação e cobardia...

Naturalmente, que no meio de tanto padre aliciado, alguns havia sinceros da sua doutrina, crentes na sua fé, missionarios da religião que prégava uma humildade resignada. Esses possuiam o verdadeiro espirito evangelico. A catequese dos indios era salutar, ou por outra, seria salutar se correspondesse ao espirito da doutrina. Mas qual! A companhia ganhava terreno. Os hypocritas não tendo outro recurso deram-se a estudar as linguas indigenas a fim de melhor os sequestrarem do seu convivio com os colonos europeus.

Este sequestro foi a origem da escravidão no Brasil. A conselho dos padres é que o governo da metrópole consentia no avassalamento do sertão, a titulo de *resgate*, simulando caridade, escravizando os indios, reduzindo-os a pertença e exploração sua.

Os colonos vendo tão magnifico exemplo nos mansos representantes de deus na terra e extranhando o clima tropical deitavam-se á sombra obrigando os pobres indios a trabalhar para eles. Tudo em nome daquela cruz que Pedro Alvares Cabral mandára erguer!

Principiou a tragedia que durou seculos. E' ainda Rebelo da Silva quem nos diz que os padres da Companhia de Jesus eram «—Senhores das consciencias, das vontades e dos braços dos indios, pouco deixavam nas aldeias á corôa e ainda muito menos aos colonos».

Como e quando entrou o africano no Brasil? Eis uma pergunta a que é difficil responder. Os historiadores não são muito precisos nesse sentido. Sabe-se que o Estado em meados do seculo XVI «dava escravos aos seus soldados, descontando no soldo o seu valor». O certo é que por essa época já havia negros nas terras de Santa Cruz. Quem os levou para lá?

Não ha duvida de que a existencia do africano no Brasil é um erro tremendo de que Portugal não póde regeitar a paternidade. A historia acusa-o com veemencia. O que vale é que outros povos, com a Inglaterra á cabeça do rol, teem maiores culpas no cartorio... A velha Albion foi modelar no trafico do negro. Requintou em escravisal-o.

Compreende-se que, nós, portuguezes do seculo XX, não temos culpa de que os portuguezes do seculo XVI fossem tão habeis em negociar «humana carne e negro raciocinio». Confessemos que foi um escandalo social e absolvemo-nos a nós proprios, já que não podemos absolver o nosso passado.

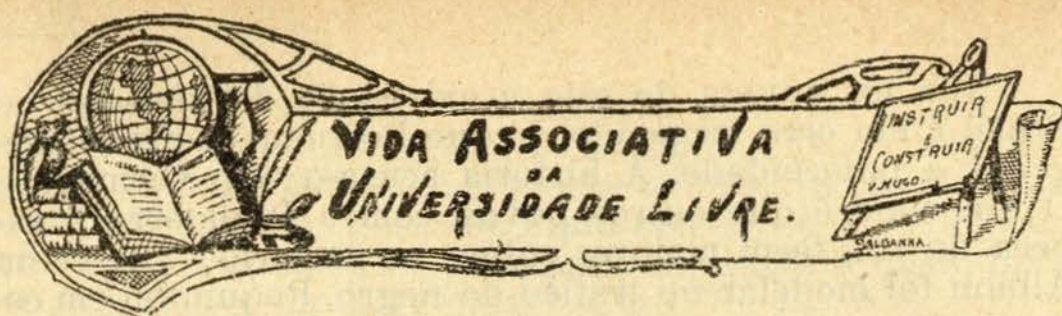
Infelizmente!

III

Morrera D. João III. A piedosa viuva ao cerrár-lhe as palpebras lividas jurou proseguir, não se afastar do plauo que seu marido concebêra, «quer no tocante ao reino, quer ás suas possessões; e com tamanha discrição se houve neste proposito, que para logo ordenou fosse investido na administração do Brasil, Mem de Sá, o qual havia sido honrado com tal ancargo pouco antes do falecimento daquele monarca». Para os notaveis feitos de novo governador nas terras de Santa Cruz, não encontramos palavras de sufficiente galardão.

«Implantar o imperio de justiça entre gente totalmente avêssa á prescrição do direito e autoridade das leis; limpar de aventureiros e corsarios a mais perigosa extensão daquelas costas maritimas; assegurar a posse da bahia do Rio de Janeiro, depois de a ter disputado valentemente á colonia franceza de Villegaignon nela estabelecida — tudo isto fez e para muito mais sobejavam brios a Mem de Sá, se a morte não cortasse logo depois os fios de tão preciosa existencia!

(Continúa).



Em prol da nossa Universidade

Apelamos para o auxilio de todos os nossos socios e subscritores, certos de que seremos atendidos, dado o seu muito amor a esta instituição. Assim, **pedimos que cada um deles proponha, ao menos, um novo consocio**, o que virá aumentar as nossas receitas, habilitando-nos a arcarmos facilmente com os nossos encargos administrativos, tornados já pesados pelas varias inovações e melhoramentos com que temos levantado o funcionamento da Universidade, e ainda a promover-lhe maior prosperidade.

REPORTANDO-NOS á imprensa damos a seguir uma resenha da sessão solene da inauguração da época lectiva nesta Universidade no ano 1915-1916.

«*Diario de Noticias* de 25 de Outubro corrente.»

UNIVERSIDADE LIVRE

No amplo salão da Universidade Livre, profusamente enfeitado com arbustos e flores naturaes, efectuou-se, ontem, uma sessão solene, para inauguração dos seus trabalhos escolares, a que presidiu o sr. Almeida Lima, ilustre reitor da Universidade de Lisboa.

Aberta a sessão, que esteve extraordinariamente concorrida, usou da palavra o sr. Matos Rodrigues, presidente do conselho administrativo da simpatica instituição, para lêr o relatório, de que extratámos estes dados curiosos:

«Os cursos professados foram: português, francês, inglês, esportivo, sciencias naturais, quimi-

ca, aritmetica, calculo comercial, desenho de ornato e geometrico, algebra, geografia, caligrafia, taquigrafia, dactilografia, escripturação commercial e modelagem, representando 484 tempos d'aula, tendo a primasia o francês, a modelagem, a aritmetica e o desenho.

A população escolar comprehendia varias classes sociais, como sejam operarios dos mais variados misteres, estudantes, empregados no commercio, etc., o que bem demonstra quanto a acção da Universidade Livre vai penetrando todas as classes sociais.

Além destes cursos permanentes, realisaram-se mais 46 conferencias versando sobre:

A «Crise Europeia», exercito e armada, pelo official da armada sr. Leote do Rego; «A Crise europeia», as colonias portuguezas, seu presente e seu futuro, pelo sr. Ernesto de Vasconcelos, digno secretario da Sociedade de Geografia; «Maquinas a vapor», pelo engenheiro sr. Afonso de Castilho; «Historia Patria», pelo illus-

tre professor sr. Agostinho Fortes; «Processos de identificação criminal e civil», pelo ilustre medico dr. Xavier da Silva; «Economia politica», pelo Dr. Carneiro de Moura, ilustre professor e um grande amigo da Universidade Livre; «O corpo humano», pelo sr. Antero de Seabra, aplicado e laureado aluno da Faculdade de Medicina; «O Brasil contemporaneo», pelo sr. José Simões Coelho, ilustre jornalista e agente comercial de Portugal na America do Sul; «A Belgica em tempo de paz e em tempo de guerra», pelo sr. Carlos Ferreira, agente comercial de Portugal, em Bruxelas.

A estas conferencias assistiram 5.725 pessoas, sendo 4.765 cavalheiros e 960 senhoras, projectaram-se durante estas conferencias 356 clichés.

Sendo o livro e o prospecto um excelente meio de propaganda educativa, esta colectividade não descurou esse assunto e assim fez a distribuição de 9.900 syntheses de conferencias e de 14.147 boletins mensais enviados gratuitamente aos socios.

Das publicações da Universidade Livre, venderam-se 345 brochuras das primeiras conferencias realizadas, 1.097 lições de francês e 102 de inglês.

Passou-se, depois, á leitura do expediente, entre o qual, figuravam telegramas do sr. ministro da instrução e Nucleo Instrução Lux e officios do provedor da Assistencia Publica, director da Escola Marquês de Pombal, Associação dos Caixeiros, Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos, Renascença Portuguesa, do

sr. Francisco de Melo Noronha, jornalista e grande amigo da Universidade.

Seguidamente falou o sr. dr. Carneiro de Moura que se referiu duma forma brilhante ao seu têmea predilecto — a questão economico-social, frisando que nos tempos modernos não temos occupado um lugar de destaque entre as nações progressivas pela simples razão de se ter sempre descurado a educação e instrução profissional tecnica das classes populares.

O sr. Cardoso Gonçalves, representando a Academia de Estudos Livres, saudou a sua irmã mais nova incitando os seus corpos dirigentes a proseguirem na senda brilhante e proficuamente encetada sem desanimo porque na perseverança está o triumpho.

Por ultimo, o sr. dr. Almeida Lima tratou da extensão universitaria, afirmando que, para o seu completo exito, julga indispensavel a colaboração reciproca das universidades officiais e populares. Ao mesmo tempo, demonstrou com evidencia qual o papel importante que a extensão universitaria pode desempenhar na educação moral, intellectual e politica do nosso povo, reconhecendo a verdade do aforismo politico—cada povo tem o governo que merece.

A assim terminou a interessante festa de inauguração do ano lectivo na benemerita Universidade Livre.

Iniciam-se, hoje, os trabalhos escolares na Universidade Livre, funcionando as aulas de francês (1.º ano), dactilografia, caligrafia e geografia.



Balancête do mês de Outubro de 1915

DEVE (Receita)

Saldo do mês de Setembro		31\$54
Subscritores:		
Cobrança deste mês.....	111\$46	
Efectivos:		
Idem.....	9\$80	
Subsidios:		
Da Camara Municipal.....	20\$00	
Da Assistencia	15\$00	
Do Ministerio da Instrução	49\$98	84\$98
Donativos:		
Multas impostas		\$30
Matriculas:		
Neste mês	102\$50	
Cartões de identidade:		
Vendidos	17\$50	
Gastos gerais:		
Recebido de José Fernandes	1\$50	328\$04
		<u>359\$58</u>

HAVER (Despeza)

Rendas adiantadas:		
Mês de Novembro	35\$00	
Moveis e utensilios:		
Biombo e outras aquisições	48\$28	
Publicações:		
Factura de Eduardo Rosa.....	24\$80	
Estatutos		
Factura de Lamas & Franklin.....	6\$50	
Percentagens:		
Aos cobradores de Lisboa.. ..	12\$04	
Gastos gerais:		
Deste mês.....	84\$72,5	211\$34,5
	Saldo para Novembro.....	<u>148\$23,5</u>
		<u>359\$58</u>